

# Garimpos podem ter mão-de-obra escrava

KATIA BRASIL

BRASÍLIA — A Polícia Federal vai investigar a exploração de mão-de-obra escrava dos garimpeiros por parte de pilotos e lideranças dos garimpos que atuam ilegalmente no território ianomâmi, em Roraima. Também faz parte desta investigação, segundo o Diretor Geral da Polícia Federal, Delegado Romeu Tuma, conferir o imposto de Renda das lideranças garimpeiras da região, para saber se elas estão em situação irregular diante do fisco.

Segundo Tuma, a Polícia Federal está apurando denúncias contra as lideranças garimpeiras que, de acordo com ele, podem ter "responsabilidade criminal", por não indicarem aos garimpeiros novos locais de trabalho e os

deixaram "até sem alimentação".

— Acreditamos que a festa dos pilotos antes da Operação Selva Livre teve por objetivo passar a responsabilidade para o Estado, criando um problema social sério na região, pois os garimpeiros não têm lugar para ir e estão com problemas de alimentação.

A possibilidade de retorno dos garimpeiros para a região depois de concluída a Operação Selva Livre é remota, na opinião de Tuma. Ele aponta duas razões para os garimpeiros não voltarem à reserva ianomâmi: a Operação Selva Livre vem impondo prejuízos materiais enormes aos garimpeiros, pois todo o material está sendo apreendido; e, ao contrário do ano passado, a Fundação Nacional do Índio (Funai) vai instalar 19 postos no interior da reserva.

## Doenças graves afetam ianomâmis

BOA VISTA (RR) — Aparentando ter 60 anos, a índia ianomâmi da região do Homoxe, a Noroeste de Boa Vista, que recebia os primeiros socorros do médico Sérgio Carvalho, na Casa do Índio, na verdade tinha somente 22 anos. O envelhecimento precoce, deixando seu físico debilitado, era proveniente de uma anemia profunda acompanhada de desnutrição. Mesmo assim, não largou um minuto o filho de um ano, também subnutrido e anêmico, que trazia no colo. Ela estava acompanhada do marido, contaminado pela malária.

Esse o quadro permanente de vários ianomâmis que chegam das regiões mais distantes de Roraima para obter assistência na Casa do Índio, que fica a 20 quilômetros de Boa Vista. Apenas três médicos dão tratamento adequado a doenças como tuberculose, diarreia aguda, malária e anemia. Doze enfermarias — improvisadas em malocas — podem abrigar até 80 pacientes. Existem também dois ambulatórios, uma sala de odontologia, uma pequena sala para cirurgias e exames laboratoriais. A Casa do Índio oferece quatro refeições para os índios. Os que apresen-

tam quadros de desnutrição recebem até cinco por dia.

Apesar de a operação "Selva Livre" ter começado e de alguns garimpeiros estarem saindo das áreas — somente na pista do Geremias saíram 77 — a Funai estima que precisará de um ano para acabar com as principais doenças entre os índios do Estado. É do Homoxe que estão chegando mais ianomâmis doentes. Apenas ontem, a Casa cuidava de 92 índios. Outros 23 aguardavam a alta de 25 acompanhantes para retornarem à aldeia. Desse, 60% são ianomâmis. Muitos vindos também de malocas localizadas nas regiões de Ericó, alto Mucajai e Surucucus.

Segundo a médica June Barreiro Freire, da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), o maior problema enfrentado pela equipe da Casa do Índio é a falta de mão-de-obra qualificada. June trabalha sete horas na Casa e faz rodízio com o médico Sérgio Carvalho, para cuidar dos ianomâmis também nos postos próximos às malocas.

— A vinda de mais médicos para a Casa do Índio já está sendo providenciada — disse June Barreiro.